

Sujeito e psicose

(Subject and psychosis)

Gabriela Rinaldi Meyer*

Resumo

Este artigo pretende examinar as possibilidades de produção de sujeito na psicose com base na análise de um caso clínico. Valendo-se das formulações de Lacan a respeito da psicose, discute-se a relação do psicótico com o gozo e a possibilidade de alteração na sua posição em face ao Outro, pensando formas de viabilizar a emergência de sujeito por meio do trabalho clínico.

Palavras-chave: Sujeito; Psicose; Outro.

Foi nos anos 1930, com sua tese de doutorado **Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade** (1932), que Lacan marcou sua entrada na psicanálise. Suas formulações teóricas, no entanto, foram se definindo a partir dos anos 1950, pela influência que sofreu do estruturalismo francês e, mais especificamente, da lingüística estrutural.

O contato com a obra de Saussure (1995) marcou seu retorno a Freud. Ao articular o conceito de inconsciente à linguagem, Lacan utilizou-se da lingüística de Saussure para criar, a partir desta, seus próprios conceitos, com base nos quais formula sua teoria. Ao inverter o algoritmo saussuriano, mudando a forma do signo lingüístico, dá preeminência à autonomia do significante em relação ao significado. Ao longo de sua obra, enfatiza a primazia do significante sobre o significado, já que é o significante o responsável pela imposição do significado ao sujeito. Ao afirmar que “o inconsciente é estruturado como uma

• Texto recebido em abr./04 e aprovado para publicação em jun/04.

* Psicanalista; Mestre em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro; Doutoranda em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo.

linguagem”, ele é também fiel a Freud. Foi em **A interpretação de sonhos** (1900), ao analisar os sonhos e distinguir os seus mecanismos de formação, que Freud fundou o conceito de inconsciente, afirmando que ele possui um sentido. Esse sentido é produzido pelo trabalho do sonho, por meio dos mecanismos da “condensação”¹ e do “deslocamento”,² que podem ser identificados a mecanismos da linguagem. Sendo assim, Lacan, ao subverter o algoritmo saussuriano, retorna a Freud e vai além dele, mas sem deixar de servir-se de sua criação, a criação da linguagem inconsciente que fundou a psicanálise.

A descoberta do sonho como via régia de acesso ao inconsciente nos indica que há pensamento no sonho e, portanto, há um sujeito desse pensamento. Lacan introduz a noção de sujeito ao refletir sobre a filosofia, partindo do “cogito” cartesiano, o “penso, logo, existo”, introduzindo uma subversão do sujeito cartesiano. O que Freud vem mostrar com a descoberta do inconsciente e do sonho como via régia de acesso a ele é que o sujeito da consciência, o sujeito cartesiano, não tem mais a autonomia a ele atribuída. Lacan propõe, dessa forma, uma teoria do sujeito do inconsciente, o sujeito intervalar, que se apresenta no espaço entre dois significantes na cadeia significante.

Ao evocar a cadeia significante,³ Lacan marca que um significante representa o sujeito para outro significante, evidenciando uma relação de linguagem que se diferencia de uma relação de conhecimento, estabelecendo uma crítica à ciência moderna que define um objeto como se opondo ao sujeito, sujeito do conhecimento e não do inconsciente. Da relação de linguagem, o sujeito surge de um tropeço, de uma falha, o que permite a expressão do inconsciente, do sujeito do inconsciente que é marcado pela incompletude, pela falta. A cadeia significante permanece aberta, não havendo um significado em si, um significado último que venha fechá-la.

¹ De acordo com LAPLANCHE & PONTALIS (1998, p. 87-88), define-se condensação por: “Um dos modos essenciais do funcionamento dos processos inconscientes. Uma representação única representa por si só várias cadeias associativas, em cuja interseção ela se encontra. [...] A condensação foi inicialmente descrita por Freud, em **A interpretação de sonhos** (Die Traumdeutung, 1900), como um dos mecanismos fundamentais por que se realiza o “trabalho do sonho”. Ela pode se realizar por diferentes meios: [um deles] um elemento (tema, pessoa, etc.) é conservado apenas porque está presente por diversas vezes em diferentes pensamentos do sonho (“ponto nodal”).

² Ainda com LAPLANCHE & PONTALIS (1998, p. 116), o deslocamento pode ser definido da seguinte maneira: “Fato de a importância, o interesse, a intensidade de uma representação ser suscetível de se destacar dela para passar a outras representações originariamente pouco intensas, ligadas à primeira por uma cadeia associativa. Esse fenômeno, particularmente visível na análise do sonho, encontra-se na formação dos sintomas psiconeuróticos e, de modo geral, em todas as formações do inconsciente”.

³ Segundo KAUFMANN (1996, p. 73), cadeia significante pode ser definida da seguinte forma, em SAUSSURE: “A articulação temporal de um signo com outro no eixo das oposições, ou eixo sintagmático, constitui a cadeia significante; a relação sintagmática é *in praesentia*, ‘repousa sobre dois ou vários termos igualmente presentes numa série efetiva’ (Saussure, **Curso de lingüística geral**). Lacan introduz uma ruptura de pensamento, em relação a Saussure, com a supremacia do significante sobre o significado”.

No **Seminário 17** (O avesso da psicanálise), Lacan, ao deixar claro que a linguagem é a condição do inconsciente, evoca a cadeia significante para pensar quatro possibilidades de discursos (O discurso Universitário; o discurso do Mestre; o discurso da Histérica e o discurso do Outro), que organizam as posições simbólicas no laço social, em que deixa claro que todo discurso diz respeito ao gozo. Esse Seminário é importante para pensarmos a questão da psicose, já que o psicótico aparece como estando fora do laço social. Pretendemos pensar de que maneira se estabelece a relação do psicótico com o gozo, numa tentativa de definir de que forma ele pode situar-se como sujeito, ao especificar sua relação com o Outro. Lembremos, de passagem, que Freud não elaborou um conceito para gozo, mas situou seu campo no mais-além do princípio do prazer, no qual se manifestam fenômenos repetitivos que podem ser remetidos à pulsão de morte. Lacan redefiniu a pulsão de morte como uma pulsação de gozo que insiste na repetição da cadeia significante. O prazer e o gozo pertencem a diferentes registros. O gozo (cf. VALAS, 2001) se manifesta como excesso em relação ao prazer.

Sendo a linguagem a condição do humano e, mais propriamente falando, a condição do sujeito do inconsciente, Lacan retoma Freud numa tentativa de articular o que em Freud pode ser identificado ao que ele caracteriza como gozo. Freud articula, funda o conceito de inconsciente, o que permite situar o desejo. Tempos depois em **Além do princípio do prazer** (1920), ele menciona a questão da repetição para definir a pulsão de morte. Lacan centra-se nesse ponto para afirmar que é o gozo que necessita a repetição.

Em suas palavras:

Na medida em que há busca do gozo como repetição que se produz o que está em jogo no franqueamento freudiano – o que nos interessa como repetição, e se inscreve em uma dialética do gozo, é propriamente aquilo que se dirige contra a vida. É no nível da repetição que Freud se vê de algum modo obrigado, pela própria estrutura do discurso, a articular o instinto de morte. (LACAN, 1992, p. 43)

A repetição, dessa forma, define um ciclo que busca o retorno ao inanimado, como fica claro na passagem do Seminário 17: “[...] a repetição não é apenas função de ciclos que a vida comporta, ciclos da necessidade e da satisfação, mas de algo diferente, de um ciclo que acarreta a desaparecimento dessa vida como tal, que é o retorno ao inanimado” (*ibid*, p. 43). É nesse ponto que podemos fazer uma ligação com o gozo tal como descrito por Lacan, indicando que, na produção da linguagem, há uma perda de gozo, e a repetição seria uma tentativa de recuperar esse gozo perdido. Como Freud afirma, porém, o próprio processo de repetição implica uma perda e é nesse ponto que podemos localizar no discurso freudiano a função do objeto perdido. É no lugar dessa perda introduzida

pela repetição que Lacan situa a função do objeto perdido, que ele chama de “objeto a”,⁴ e é por meio desse que o gozo se introduz na dimensão do ser do sujeito. Portanto, o que diz respeito ao gozo está diretamente ligado à falta que circunscreve o desejo, como nos diz Lacan: “[...] esse ponto de perda, é o único ponto, o único ponto regular por onde temos acesso ao que está em jogo no gozo. Nisto se traduz, se arremata e se motiva o que pertence à incidência do significante no destino do ser falante.” (*ibid*, p. 49). Dessa forma, não há discurso que não seja discurso do gozo, ou seja, discurso da falta. E o sujeito psicótico, como se insere nessa dinâmica? Qual sua relação com o gozo?

Ao se basear na noção freudiana de *Verwerfung*, Lacan elabora o conceito de forclusão do Nome-do-Pai como mecanismo específico da psicose, ampliando a noção freudiana e indicando que a não-inscrição do significante Nome-do-Pai, o significante primordial, especifica que a relação do psicótico com o simbólico não é da ordem do recalque. Na psicose, sendo o significante primordial, aquele chamado por Lacan de Significante-mestre, foracluído, não inscrito na cadeia significante, como podemos pensar a emergência do sujeito, já que o significante primeiro é quem funda simbolicamente a cadeia? Ao elaborar sua teoria a respeito da psicose, Lacan indica que a não-inscrição desse significante que ele nomeia de Nome do Pai especifica uma relação singular do psicótico com o simbólico, sendo seu acesso a esse diferenciado em relação à neurose, o que não significa, contudo, que ele esteja excluído do simbólico, uma vez que esse preexiste ao sujeito.

No Seminário sobre “As psicoses” (1955-56), Lacan evidencia que a relação do psicótico com o inconsciente se dá de forma bastante peculiar:

O psicótico é um mártir do inconsciente, dando ao termo mártir seu sentido, que é o de testemunhar. Trata-se de um testemunho aberto. O neurótico também é uma testemunha da existência do inconsciente, ele dá um testemunho encoberto que é preciso decifrar. O psicótico, no sentido em que ele é, numa primeira aproximação, testemunha aberta, parece fixado, imobilizado, numa posição que o coloca sem condições de restaurar autenticamente o sentido do que ele testemunha, e de partilhá-lo no discurso dos outros. (LACAN, 1985, p. 153)

Nesse caso, o psicótico, não tendo o véu do recalque que protege o neurótico em sua relação com o Outro, permanece como objeto do gozo desmedido do Outro. Quando falamos, remetemo-nos a um outro (semelhante) e, por meio dessa relação, remetemo-nos ao Outro que pode ser pensado como sendo o reservatório da linguagem, o tesouro dos significantes, o

⁴ Como indica ROUDINESCO (1998): “Termo introduzido por Jacques Lacan, em 1960, para designar o objeto desejado pelo sujeito e que se furta a ele a ponto de ser não representável, ou de se tornar um ‘resto’ não simbolizável” (p. 551).

inconsciente. Na psicose, por não haver essa mediação, uma vez que o outro é tomado como Outro absoluto que invade e ordena, o psicótico fica no lugar de objeto do gozo do Outro por permanecer identificado ao outro imaginariamente, em que não existe uma mediação simbólica, o que determina que o outro seja, ao mesmo tempo, igual e rival.

A noção da foraclusão do significante primordial abre nova perspectiva, que nos leva a nova concepção do inconsciente, marcada por uma rejeição e não pelo recalque. Como nos deixa claro Lacan, no **Seminário 3** (1955-56):

Suponho que o sujeito reaje à ausência do significante pela afirmação tanto mais reforçada por um outro que, como tal, é essencialmente enigmático. O Outro, com um A [Autre em francês] maiúsculo, eu lhes disse que ele estava excluído, enquanto detentor do significante. Por isto, ele é tão potentemente afirmado, entre ele e o sujeito, no nível do outro com minúscula, do imaginário. (LACAN, 1995, p. 221)

Dessa forma, o gozo na psicose surge como algo ilimitado, não circunscrito pela falta. Na neurose, o gozo caracteriza-se justamente por ser circunscrito pela falta e, assim, ele não invade o sujeito. E é por intermédio dele, como nos diz Lacan, “que se estabelece a divisão em que se distingue o narcisismo da relação com o objeto” (LACAN, 1992, p. 47).

O psicótico é marcado pela linguagem e sua relação com ela se estabelece de forma particular. A não-inscrição do significante que funda a cadeia determina o retorno no real deste mesmo significante como uma frase interrompida ou um neologismo. Ao não se increver no simbólico, reaparecendo no real, o sujeito não o sente como sendo dele e sim como vindo de fora, do outro/Outro. Ao longo do Seminário sobre as psicoses, Lacan insiste que o psicótico “[...] dá testemunho efetivamente de uma certa virada na relação com a linguagem [...]” (LACAN, *op. cit.*, p. 237). É com base nessa relação especial do psicótico com a linguagem que podemos pensá-lo como sujeito, sujeito da linguagem, e não sujeito do discurso.

Introduziremos um caso clínico, a fim de pensarmos a questão do sujeito na psicose e da possibilidade de estabelecimento de laço social. Esse caso apresenta-nos uma passagem do individual para o grupal.

P. chegou ao Hospital-Dia trazido por seu analista, que o tratava desde seus 5 anos. Nessa altura, P. contava uns 12 anos e, depois de 7 anos em análise individual, o analista considerou importante introduzi-lo num trabalho grupal de oficinas; é nesse contexto que ele chega a nós em uma instituição de saúde mental. Muito carismático, cabelos compridos e sorriso largo, ele logo se introduz no grupo de pacientes como o ‘bonequinho’. Apesar de chegar de um trabalho analítico individual e, portanto, já estar num processo de melhora, é

um paciente grave e, de início, restringe-se a seu mundo fechado de rituais e repetições. Com o tempo, e a evolução do tratamento, vai se mostrando como alguém que se permite ampliar o mundo psíquico, dando passos lentos, mas amplos. Como ele diz: “Quero variar”.

Paralelamente ao tratamento terapêutico por meio de oficinas, segue-se o atendimento de família, no qual, de início, era ‘proibida’ a presença do pai. A mãe não permitia a entrada do pai que viria, nas suas palavras, “atrapalhar sua vida”. Dessa forma, os primeiros encontros foram marcados pela presença da mãe, do irmão e de P. Nessa fase, era quase impossível conversarmos, já que P. entrava num processo de ansiedade, não suportando estar no atendimento. Ao introduzirmos a necessidade de chamar o pai para conversar, a mãe reagiu negativamente, como já esperávamos, e P. ficou muito feliz com a idéia. A partir daí, insistimos com a mãe sobre a importância da presença do pai para P. e ela, surpreendentemente, cedeu. E foi assim que o pai veio pela primeira vez, o que fez com que P. ficasse muito feliz. Desde esse momento, percebemos uma mudança da relação de P. com o atendimento de família; acreditamos que, com a presença do pai, o atendimento se tornou mais ‘acolhedor’ para ele. O pai, por sua vez, relata a mágoa por se sentir excluído de seu lugar como pai, ao deixar claro que a mãe sempre interfere em sua autoridade. Mas, o que é ser pai?

Para Lacan existem três categorias de pai: pai real, pai imaginário e pai simbólico. Como nos situa Julien (1999), o pai simbólico é o que se manifesta pela palavra da mãe, pelo desejo da mãe: “[...] é a mãe que responde e que impede a psicose, transmitindo o significante que designa um lugar, uma posição terceira, entre a mãe e a criança; a transmissão, para o inconsciente da criança, deste lugar é o significante do Nome-do-Pai” (1999, p. 34). É o desejo da mãe, sua falta, que determina o sentido do significante Nome-do-Pai, sendo a lei o que se instaura aí e não a imagem do pai. É como mulher que a mãe permite e determina a inscrição de um lugar terceiro.

O pai imaginário corresponde ao pai Ideal; trata-se, nesse momento, da imagem do pai, da presença do pai, como situa Julien:

É isto que Freud explica como aquilo que permite deixar a mãe e receber do pai ou bem o traço identificatório da virilidade, ou bem um filho como substituto do falo. Este pai é o pai que Lacan chama de pai privador. Ele priva a mãe no sentido de que ele tem o que ela não tem. [...] Para a criança, ele é privador não, inicialmente, porque priva a criança, mas porque ele priva, também, a mãe. (1999, p. 37)

O pai real pode ser caracterizado como o agente da castração. O real não diz respeito à realidade e sim corresponde a uma categoria criada por Lacan, juntamente com a categoria de imaginário e de simbólico. Como ele indica no **Seminário 17** (1969-70), a categoria do real remete ao impossível e é dessa forma

que “ela se distingue radicalmente, no que articulo, do simbólico e do imaginário – o real é o impossível [...]” (LACAN, *op. cit.* p. 116). É nesse sentido que ele afirma que o pai real é o agente da castração, uma vez que é o real do pai que indica que ele é furado, e isso faz com que ele tenha uma eficácia simbólica sobre o sujeito, sendo sua presença real que determina um destino não psicótico para o filho. Segundo Julien (1999), o real do pai é um homem estar com seu desejo e seu gozo orientados para uma mulher e não para a criança. Dessa forma, o pai real introduz a diferença entre as gerações, ou seja, a função do interdito do incesto, marcando que a criança não é o falo imaginário da mãe.

No caso analisado, o pai de P. mostra-se confuso e vacilante em assumir seu lugar de pai; diz não conseguir ser pai dos filhos, só conseguindo ser amigo, já que não tem dinheiro para ajudar na educação deles e aí acaba por tentar impor sua autoridade pela violência. Mostra-se muito ressentido, acusando a mãe por não permitir que ele seja pai. À mãe cabe introduzi-lo como lugar simbólico para a criança, mas cabe ao pai ocupar esse lugar aberto pela mãe.

Por meio da fala de P. e pelo lugar que ele nos mostra ocupar na relação com o outro, de objeto, fica claro que algo aconteceu no que diz respeito aos lugares ocupados pela mãe e pelo pai. Há uma desestruturação na família desde o nascimento de P. A mãe relata as confusões e as brigas que eram permanentes e, no atendimento de família, o pai se pergunta por que é que com o filho mais velho tudo foi normal e com P. foi tudo tão conturbado. Ele sente forte necessidade de procurar respostas para o acontecido, pensar o que houve de errado com ele e a ex-mulher. Esta, pelo contrário, não quer saber de perguntas nem de respostas, parece não querer ou ‘não poder’ pensar nada a respeito.

Por sua vez, ao ocupar o lugar de objeto, P. não se cansa de ser escolhido por qualquer outro paciente para ser feito de ‘boneco’; fazem dele o que querem, mandam, desmandam e ele obedece, o que evidencia a sua posição de submissão ao Outro/outro. É esse lugar que ele ocupa para a mãe, é seu bonequinho, seu objeto, que pode comer qualquer coisa, vestir qualquer coisa e pode até não tomar banho, mas se alguém se atrever a afastá-lo dela, aí ela vira uma fera. Afastá-lo dela significa afastá-lo um pouco desse lugar de objeto do gozo do Outro. Ao permanecer colado ao outro, por uma identificação imaginária, P. parece sustentar sua existência como se não conseguisse existir de outra forma. Ao observar o lugar que P. ocupa na relação com o outro, podemos pensar que o sujeito na psicose permanece adormecido através dessa “cola” imaginária, e há necessidade de um trabalho que viabilize o seu aparecimento. Em qualquer estrutura, o sujeito vacila, desaparece e volta a aparecer. Mas, na psicose, o tempo de desaparecimento é maior, tanto que, em alguns casos, chegamos a nos perguntar se existe sujeito.

Esse caso nos oferece uma resposta a essa questão, uma vez que é como resultado do trabalho clínico no grupo e dos atendimentos da família que observamos a emergência do sujeito quando ele toma a palavra e consegue não obedecer ao outro e dizer que não é ‘boneco’ de ninguém. Qualquer coisa que lhe é oferecida que ele não gosta, ele diz: “não posso”, uma expressão muito forte, que nos leva a pensar que ele está impedido de certas coisas. A mãe, entretanto, não se empenha em permitir que ele se liberte do lugar de objeto, visto que ela também “não pode” e quando P. diz, no mercado, “que quer variar, comprar vários sacos de biscoito”, ela não suporta e acha aquilo um absurdo. É importante situar nesse momento que o “querer variar” de P. é resultado de um trabalho clínico, quando passa a ser possível que P. amplie parcialmente seu mundo fechado de rituais e repetições.

Depois de conseguir falar das coisas que “pode” e “não pode”, quando vislumbramos uma possibilidade do sujeito aparecer, este desaparece, e P. se fecha no seu mundo das vozes, falando alto, dizendo que “não”, “que é para pararem”, gargalhando sozinho. Ao ser indagado sobre com quem estava falando, do que estava rindo, ele responde que estava falando com muitas pessoas, que não sabe quem são, mas que batem nele e mandam-no brincar e rir. Ao final, diz: “Eu tô maluco”.

No Seminário sobre as psicoses, Lacan descreve uma situação que caracteriza a colagem imaginária ao outro que observamos no caso descrito acima. Trata-se de uma paciente psicótica que lhe confiou um episódio que ocorreu com ela, no corredor de seu prédio. Disse ela que, no momento em que saía de sua casa, se deparou com seu vizinho que lhe fez um insulto, chamando-a de “porca”. Ela confessa a Lacan, entretanto, que não estava totalmente inocente na história, pois, ao passar por ele, disse: “Eu venho do salsicheiro”. Como Lacan indica em outro texto sobre as psicoses, “de uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose” (1957-58), a doente, que era prisioneira de uma relação dual com sua mãe, responde a uma situação que a ultrapassa. Sua mãe reprovou seu casamento com um camponês e a doente se separou subitamente de seu marido e de sua família, por partir da convicção (sua e de sua mãe) de que eles queriam picá-la em pedaços. O significante “porca”, dessa forma, é a evidência da presença desse exterior com que o psicótico se depara. O significante é a fala do próprio sujeito, porém, ele não o sente como sendo dele, uma vez que a função significante capaz de conduzi-lo a uma significação própria não se exerce.

O caso de P. mostra-nos de que forma podemos pensar o sujeito na psicose, sujeito da linguagem, que se define por uma relação específica com ela e que se organiza com base em sua própria lógica. Esta lógica implica uma fala não com-

partilhada, fora do laço social, mas com possibilidades de poder vir a ser compartilhada.

Ao desenvolver um trabalho clínico com a psicose, acreditamos que o discurso possa vir a ser compartilhado e, portanto, possa fazer laço social. Daí insistirmos em fazer aparecer o sujeito, em barrar a invasão do Outro, que chega através das vozes e da presença de várias pessoas, como nos relata P.

Foi Lacan quem inaugurou outro campo de trabalho no que diz respeito ao tratamento da psicose, indicando-nos que a psicose não se encontra num total rompimento com o mundo, já que o delírio prenuncia justamente outra realidade onde existe, sim, a exigência do significante. Foi baseando-se em Freud, a respeito do Caso Schreber, que lançou a idéia de que o delírio é uma tentativa de cura, de reconstrução, que Lacan desenvolveu todo esse novo campo para pensar a questão da psicose. Dessa forma, ele nos orienta a escutar o discurso do sujeito com cuidado para as suas diferenças, já que é por meio desse discurso, o discurso delirante, que o sujeito psicótico se dirige a nós, psicanalistas.

É importante deixar claro que tal discurso se torna mais aparente ou até presente quando há certo desencadeamento da crise. No entanto, nós, psicanalistas, seja no consultório particular, seja na instituição, também recebemos psicóticos fora de crise e, portanto, sem a presença do discurso delirante articulado e claro. De qualquer forma, devemos aceitar o que ele diz, mesmo que seja incomunicável e sem sentido para nós, uma vez que há aí uma relação especial com a linguagem, o que determina outra forma de se relacionar com o mundo.

Abstract

This article intends to examine the possibilities of the subject production in the psychosis from the analysis of a clinical case. On the basis of Lacan's formularizations regarding the psychosis, it is argued the psychotic relation with the joy and the possibility of alteration in its position face to the Other, thinking forms to make possible the subject emergency through clinical work.

Key words: Subject; Psychosis; Another one.

Referências

- FREUD, S. **Obras psicológicas completas**. Edição Standard Brasileira, Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.
- FREUD, S. **A interpretação de sonhos** (1900). V. V.
- FREUD, S. **Totem e tabu** (1913). V. XIII.
- FREUD, S. **Além do princípio do prazer** (1920). V. XVIII.
- JULIEN, P. **As psicoses – um estudo sobre a paranóia comum**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud Editora, 1999.
- KAUFMANN, P. **Dicionário enciclopédico de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- LACAN, J. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- LACAN, J. **O Seminário**, Livro 3. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- LACAN, J. **Da psicose paranóica em suas relações com a Personalidade**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- LACAN, J. **O Seminário**, Livro 11. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- LACAN, J. **O Seminário**, Livro 17. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- RINALDI, D. **A ética da diferença**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- SAUSSURE, F. **Curso de lingüística geral**. São Paulo: Cultrix, 1995.
- VALAS, P. **As dimensões do gozo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.